

Capítulo 7

Ponto de chegada para iniciar uma nova caminhada

Washington Luiz Abreu de Jesus

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

JESUS, WLA. Ponto de chegada para iniciar uma nova caminhada. In: JESUS, WLA., and ASSIS, MMA., orgs. *Desafios do planejamento na construção do SUS* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 149-153. ISBN 978-85-232-1176-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Ponto de chegada para iniciar uma nova caminhada

Washington Luiz Abreu de Jesus

[...] todo conhecimento é provisório. No debate e na experiência prática ganhamos novas e mais ricas interrogações, nas relações que vivenciamos uns com outros, nos espaços sociais que habitamos e trabalhamos. Essas relações que fazem a prática cotidiana são permeadas por singularidades, conflitos, verdades absolutizadas, dúvidas, diferenças, convergências que podem ser exploradas, de modo que as certezas ou incertezas se tornem instrumentos de criatividade, diálogo, debate. Implica inserir no jogo a visão acerca da mudança – e suas condições de possibilidades na realidade específica –, assim como o compromisso acerca dos sujeitos participantes que planejam, articulam e integram um futuro desejado [...]. (ASSIS, 1998)

Chegamos ao ponto do qual, verdadeiramente, deveríamos ter partido – o ponto de chegada. Lugar onde de fato podemos, inspirados em Teixeira (2003), “desatar os nós” para chegar ao pódio e comemorar uma etapa vencida, e “criar os laços” para novos momentos de caminhada, aproximação e reflexão.

Descobrimos aqui um pouco mais sobre a “verdade interior” do planejamento em saúde orientado pela hermenêutica e o deciframos outro tanto, construído historicamente, como parte da dialética. Procuramos compreender melhor suas nuances, contradições, limites e potencialidades no exercício da hermenêutico-dialética, que nos permite evidenciar que a pedagogia da Saúde Coletiva possibilita que nos constituamos enquanto sujeitos livres a serviço da libertação, apesar das investidas que possam surgir por parte dos sujeitos da alienação e do poder. Somos sujeitos da práxis e da revolução, constituídos a partir de uma concepção dialética de existência na luta em defesa de uma vida transformada, ainda que nos limites impostos pela realidade objetiva.



Ao caminhar pelos labirintos do planejamento em saúde, apreendendo a metáfora desenvolvida por Campos (2003), percebemos que as possibilidades de intervenção sobre a realidade são diversas e se constituíram ao longo de muitos anos, tanto no cenário internacional, quanto no nacional. Os sujeitos dessa construção, ainda que se constituíssem enquanto livres, enveredaram-se na busca de novos modelos de intervenção em sua prática, inovando, transformando o que já estava dado – agregando valor de uso ao objeto do planejamento na área da saúde.

Utilizando os termos da hermenêutica clássica, podemos dizer que a luta pela vida travada pelos sujeitos do planejamento em saúde é uma luta pela “verdade”, que tem o poder de libertar do julgo e da servidão da forma, elevando a técnica ao patamar de prática transformadora da realidade – uma práxis social.

Desde os primórdios da planificação em saúde na América Latina, a busca incansável dos planejadores se deu no sentido de estabelecer graus de liberdade para o setor, ainda que, no contexto, a questão econômica fosse o pano de fundo para as ações determinadas.

O jogo político aliado aos interesses do capital podem até ter “maculado” o propósito da planificação, porém não sufocaram o desejo dos planejadores por mudanças na ordem estabelecida. Podemos testificar isso, relembrando o fato de que após o “fracasso” do Método CENDES/OPS, muitos dos seus idealizadores engrossaram as fileiras daqueles que propuseram novos modelos de planejamento para a saúde, pautando-se em questões sociais e em necessidades que se estabeleciam individual e coletivamente.

Os enfoques Estratégico, Comunicativo, Analítico-institucional e Participativo, convivendo com o Enfoque Normativo dialeticamente, proporcionaram à área de planejamento em saúde o descobrimento de diversos caminhos, que no híbrido teórico-conceitual coadunam com a ideia de transformação da realidade, ainda que, em muitos momentos se busque, por força da intencionalidade de alguns sujeitos, a manutenção da ordem estabelecida através dos mecanismos da coerção e da alienação, característicos do exercício do poder em suas arenas decisórias, em constante conflito.

A “doce descoberta” sobre os sujeitos do planejamento foi um movimento deveras instigante. A leitura e o aprofundamento da produção científica que selecionamos para este estudo nos permitiram refletir acerca do papel que desempenhamos na sociedade.

Testificar que o planejamento em saúde no Brasil, no período 1990-2010, foi marcado pela discussão do acesso aos serviços de saúde, nos fez compreender como é importante aproximar a teoria da prática, pois nos aproximamos de uma realidade objetiva e concreta, que de fato não é tão explorada quando se estuda esta área. O acesso aos serviços de saúde foi a grande novidade, pelo menos para nós, encontrada no mergulho hermenêutico-dialético que realizamos. Foi uma surpresa esperada, se é que podemos assim dizer!

Descobrir novos caminhos para se discutir o poder nas suas diversas dimensões foi uma experiência sem igual. Permitimos-nos viajar no labirinto do conhecimento e encontrar o fio de Ariadne para a transformação: a práxis.

Discutir o sujeito numa perspectiva pedagógica foi um momento de extremo reencontro – um dia de graça! Momento de autoconhecimento. De concretização de sonhos. De uma aproximação mais concreta com a quebra de paradigmas. Momento em que, verdadeiramente, o caminho que trilhamos nos possibilitou enxergar uma imagem-objeto mais concreta – a totalidade, ainda que parcial.

Inspirados mais uma vez em Campos (2003), resgatamos a metáfora da novidade enquanto “objeto-sereia”, captada a partir dos versos de Herbert Vianna: “a novidade como um sonho, um milagre tão risonho, um pesadelo tão medonho, uma guerra, um paradoxo estendido na areia [...]”.

Um “sonho de liberdade”, materializado na descoberta da pedagogia da libertação de Paulo Freire e na pedagogia da práxis de Moacir Gadotti.

Um “milagre risonho”, que emerge da descoberta feliz de que somos sujeitos e que podemos ser livres se valorizarmos a práxis e se compreendermos que somos frutos de uma ação pedagógica que pode nos libertar da servidão e da alienação.

Um “pesadelo medonho” quando encontramos nas esquinas do caminho os sujeitos da alienação e do poder, lançando sobre nós seus dardos



inflamados para nos silenciar, trabalhando para a manutenção da ordem estabelecida e pela hegemonização do *status quo*.

Uma “guerra”, resultado da nossa luta pela vida em defesa dos ideais de liberdade, para a transformação social, para a transformação dos sujeitos.

Um “paradoxo estendido na areia”, quando, mesmo participando dos movimentos de mudança, nos deparamos com as contradições que se estabelecem no confronto entre o que queremos e o que podemos fazer na luta pela transformação da realidade.

E a novidade não cessa de aparecer diante dos nossos olhos no mergulho hermenêutico-dialético que fizemos. Ela também se revela na testificação de que somos plurais no entendimento e concebemos o planejamento na saúde de diversas formas: uma técnica, um método, um modo, um meio, um instrumento/atividade, um subsídio, um dispositivo, uma práxis – elementos constituintes do modo de se pensar o planejamento, isto é, suas concepções.

Concepções que formam a ideologia que subsidia a constituição de estruturas e formações, *lóci* de operacionalização das práticas pedagógicas que constroem os sujeitos da vida re-significados pela práxis.

Práxis que constrói e reconstrói; que re-significa; que estabelece graus diferenciados de liberdade na ação; que permite ao sujeito mediar sua chegada ao ponto de partida para recomeçar – ao ponto de chegada. Espaço que é o *lócus* da inflexão hermenêutica do planejamento em saúde: um lugar histórico, uma realidade objetiva. Lugar onde os dilemas e conflitos se estabelecem e onde os sujeitos, interagindo entre si, permitem-se compreender e serem compreendidos, lançando mão de suas vicissitudes e se despidendo de suas vaidades, na busca da “verdade-ciência”, “verdade-práxis” e “verdade-vida”, enquanto propósitos concretamente estabelecidos.

De fato, as incertezas, as dúvidas, os dilemas e os desafios se colocam a cada instante quando nos colocamos à prova e assumimos a identidade de sujeito epistêmico e avaliador. Não que tenhamos “medo” de enfrentar as críticas que possam surgir, mas por termos “medo” de assumir o conflito da nossa realidade de sujeito, que muitas vezes não nos possibilita

romper abruptamente com o *status quo*. Mas, mesmo diante das incertezas que se apresentam nos caminhos do cotidiano, como sujeitos da vida, aceitamos o desafio de enfrentá-las, buscando graus maiores de liberdade no cenário das lutas em defesa da vida individual e coletiva, transformando-nos pedagogicamente em sujeitos da práxis a serviço da libertação.

Os sujeitos da práxis são militantes, ativistas críticos cujo esforço permanente é o do crescimento, da criação, da recriação permanente do novo, da iluminação da realidade. Seus temores e seus medos revelam seus sonhos e seus desejos. São os sinais do trabalho de transformação. Uma “visão de futuro”. Uma “ponta de esperança”.

A sorte está lançada! Agora, é só decidir o caminho.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. M. A. *As formas de produção dos serviços de saúde: o público e o privado*. 1998. 313 p. Tese (doutorado em Enfermagem) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

CAMPOS, R.T. O. *O planejamento no labirinto: uma viagem hermenêutica*. São Paulo: Hucitec, 2003.

TEIXEIRA, C. F. A mudança do modelo de atenção à saúde no SUS: desatando nós, criando laços. *Saúde em Debate*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 65, p.257-277, 2003.

